

A DISCUSSÃO

SEMANARIO REGENERADOR

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha 600 „
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares
REDACÇÃO E ADMISTRAÇÃO—R. DA PRAÇA

Proprietario e Editor

ANTONIO MENDES DE VASCONCELLOS

IMPrensa CIVILISAÇÃO

Rua de Passos Manoel, 211 a 219—Porto

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis.
Annuncios permanentes, contracto especial.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 16 de setembro

Em fuga!...

O Governo, depois d'esfarrapado e perdido, fugiu tumultuariamente, trancando as portas do palacio das côrtes, onde estava sendo julgado como o peor dos réprobos.

Hostilizado pelo paiz, que em comicios publicos enormemente concorridos, começava a lavar o seu protesto; agredido ferozmente pelos seus correligionarios, que não sacrificaram a dignidade politica ás conveniencias criminosas d'uma disciplina torpe; quasi desamparado pelos deputados que reputava *fieis*, mas que succumbiram deante das accusações esmagadoras que se fizeram em pleno parlamento—o governo fugiu!...

Para attenuar os desastrosos effeitos d'uma retirada cobardissima, soccorreu-se do decreto do encerramento das côrtes, que é mais um attentado anti-constitucional a juntar aos muitos que antes já havia praticado e pelos quaes estava sendo cruel mas justiceiramente julgado.

A sua fuga tão desordenada como imprevisita, porque nunca ministerio algum deu provas de tanta cobardia politica, encheu d'asombro e de nojo o paiz inteiro!...

Nem os correligionarios mais fanatisados pelas escorrencias do poder se encontram com forças para desculpar a conducta governamental, n'um acto em que foi revelada a maxima fraqueza a par do maximo desprestigio.

Desautorado e corrido á gargalhada, o governo appellou para o ultimo recurso, já fóra da legalidade, afim de evitar que a *maioria*, na qual levemente pretendeu estadear a sua força, lhe voltasse as costas na primeira oportunidade.

Reconheceu-se impotente para arcar com as tremendas responsabilidades que contrahi e vendo-se sem a confiança do paiz, sem o apoio do parlamento e violentamente assediado por quasi toda a imprensa, n'uma guerra impla-

cavel e sem quartel, preferiu fugir cobardemente a render-se com as honras que merecem todos os vencidos!...

Não é facil medir com precisão o grau de tanta baixesa...

A sua conducta, sem precedentes nos annaes da nossa historia politica, vae agora entrar em nova phase—na qual as apreciações e commentarios hão de passar da severidade á violencia.

Um governo que por fórma tal se annulla, é indigno da mais insignificante prova de consideração publica e o seu procedimento, por incorrecto e injustificavel, não póde por fórma alguma ser discutido com benevolencia sem se incorrer n'um crime de lesa-patriotismo.

E' pois, necessario, urgente mesmo, que o paiz se levante n'um protesto energico, eloquentissimo e poderoso contra os homens que se encontram hoje á frente do poder e que não inspiram, pelos seus actos, a menor confiança.

O comicio é uma manifestação de valor incalculavel, quando dirigido com ordem, tenacidade e acerto.

A vontade popular é uma força omnipotente, que se impõe sempre com exito seguro, quando baseada, como agora, em motivos legitimados pela defesa intransigente dos mais sagrados interesses do paiz.

Vau de Eme.

ASSUMPTOS CAMARARIOS

Mal suppunhamos, ao dar as honras de arigo de fundo á paralyisia ou marasmo administrativo da Camara Municipal no já longo decurso de oito mezes completos, que tão rapidamente teriamos de nos congratular com o effeito benefico da doutrina espendida n'esse artigo e curvar-nos reverentes ante a desusada actividade desenvolvida ou posta em campo para a rapida execução de uma medida (indubitavelmente a primeira que vê a luz do dia), mandada pôr em pratica pela erudita vereação que o destino collocou á frente dos negocios municipaes. Temos que nos penitenciar por haveremos precipitadamente formado juizos algo temerarios ácerca da apathia de que parecia eivada a corporação camararia d'este concelho, porquanto demonstrado se encontra, á face da evidencia dos fa-

ctos, que a mesma havia consumido esse grande lapso de tempo no plano, projecto, discussão e sancção do mais momentoso problema de administração publica, o qual, só por si, demonstra as assiduas lucubrações do espirito, o trabalho insano e os sacrificios a que denodadamente se submetteu a vereação de Ovar para dotar esta villa com um dos maiores empreendimentos até hoje cogitado e jámais executados. Hurrah, pois, por essa vereação. Ovar deve orgulhar-se de ter á testa dos seus negocios administrativos homens de envergadura tal que fazem lembrar o nosso grande epico quando dizia: *«cesse tudo quanto a antiga musa canta...»*

Com effeito, forçoso é confessal-o, os beneficios, que o municipio de Ovar recebe immediatamente do recente e monumental producto de uma morosa gestação de quasi nove mezes, são de molde a entoar hosannas em louvor e honra dos inclytos vereadores que tiveram de supportar, com mui pouco vulgar coragem, as cruciantes dôres d'esse monstruoso ou, melhor d'esse grandioso parto administrativo!

Essa medida de caracter transcendental e de salutaes effeitos municipaes não chegou infelizmente ainda ao conhecimento de todos os nossos concidadãos o que é um crime. Compete á imprensa divulgar, insuflar-lhe vida de fórma a ter dominio no palacio do rico e na choça do pobre para que todos, todos á porfia, possam vanglorisar-se com essa pleiade de homens superiores que a *desfortuna não deixará gosar muito*.

Pasmae gentes! pasmae! oh vós que ainda não tendes a dita de saber do que se trata!

Pasmae e attentae se ha medida que possa supplantar a que está a pôr-se em execução.

A Oliveirinha, travessa dos Lavradores e outras ruas centraes da villa vão, mercê do elevado criterio da nossa vereação, ficar ás escuras, afim de a Ponte Nova, essa povoação importante, sim, mas fóra de villa e termo, gosar as delicias da morticia luz dos candieiros da iluminação publica! Eis ahi a solução do intrincadissimo problema economico-administrativo d'este municipio — *escuridão no centro da povoação, luz nos seus suburbios*—.

Depois da eliminação do acytilene junto dos Paços do Concelho só uma medida d'esta magnitude vos poderia fazer pa-mar.

Pasmae, pois, oh gentes!

Cartas para a minha terra

II

O embaraço terminou por eu ir

tomar o electrico para seguir para Cascaes.

No Caes do Sodré, um barracão de madeira com cobertura de zinco, é a estação principal e testa d'esta linha.

E', como todas as cousas portuguezas, provisoria mas que dia a dia vão ficando até que se tornam definitivas.

A companhia é rica, a linha dá lucros, mas a estação que já devia estar feita, far-se-ha... um dia!

Aqui tens o celebre «*amanhã*» caracteristico do nosso indolente sistema.

Morremos por não fazermos nada.

Tudo guardamos para *amanhã* e até eu, que aqui me estou insubordinando contra tamanha indolencia, já ha tempos vou usando do «*amanhã*» para me esquivar de quando em quando ao trabalho que tão bem me faz de conversar contigo.

Eu sei que tu me desculpas e por isso *adelante* como os carabineros te disseram ao revistar as malas em Guillarey ou Tuy.

A estação é ordinarissima como sabes.

Ha uns bons quinze annos que se inaugurou este ramal e ainda o mesmo barracão improprio lá se conserva!

Hoje aquillo cahiu no uso e todos para lá vamos a pé, de electrico, ou de carruagem, como se foramos para a gare edificada sobre o projecto d'um Monteiro.

Para alguma cousa deve servir o amor patrio.

Entre os architectos, o mestre Monteiro dá sempre lições e elles todos o procuram a pedir-lhe o seu conselho.

Julgo que não procurei má companhia e que te fica sufficientemente explicada esta referencia.

Quiz dar-te o nome d'um artista velho e pratico que em Paris alcançou o nome que tem sabido manter entre os seus discipulos que é toda a pleiade dos architectos novos diplomados pela nossa Academia de Lisboa.

Pede-lhe um projecto para a tua casa; sahe d'essa banalidade da casa terrea sem arte e sem gosto; impõe um estylo, deixa que uma linha mais ligeira quebre a trivialidade das nossas ruas.

Deixa substituir o descommunal armazem por uma casa... bibelot!

Se não fui feliz no termo empregado, sel-o-has tu no apreço que sabes, dá a tudo quanto é bom e aprimora os teus bellos sentimentos. Mas parou um comboio e sou arastado n'uma onda humana.

Os banqueiros, que estão dentro da gare, estão repletos á hora dos comboios.

Depois de tomar o meu lugar fico á portinhola a assistir áquelle verdadeiro assalto!

Quasi impedem a sahida dos que chegam.

As carruagens vão *au complet*.
Vá lá uma historia engraçada do *au complet* que me contaram.

O governo de sua magestade houve um dia por bem mandar ao estrangeiro em commissão de serviço bem remunerada, porque as ha tambem gratuitas, um seu funcionario, aliás bem habil no exercicio das suas funções.

Desempenhada a commissão *tant bien que mal il a resté quelque jours à Paris*.

Foi ao Luxembourg, ao Monlin Rouge de saudosa memoria, aventurou-se a percorrer o Metropolitano, subiu á torre Eiffel, teve nos arrabaldes uma pequenina festa com as semi-mundanas, sabendo assim manter os bons creditos d'um verdadeiro genuino e authentic merdional, perdido n'aquella Babylonía não sei se em paga d'algumas eleições.

Como tudo póle ser, eu não avanço nem a affirmar, nem a negar o integral pagamento nem o intrinseco valor da divida.

Ficou alguns dias mais do que queria porque todo o seu desejo era ver Paris.

Esteve no Louvre, em Versaille correu tudo e só não conseguiu ir *au complet*.

Na proxima carta dar-te-ha o complemento da historia comica ou da comica historia, como quizeres, o teu velho amigo

Julio Soares.

Setembro, 1905.

NOTICIARIO

Inspecções

Principiam, como já annunciamos, no dia 18 do corrente, nos paços do concelho as inspecções sanitarias aos mancebos recenseados por este concelho, pela seguinte ordem de freguezias:

Dia 18, Ovar, até ao mancebo João Ferreir-a Perola.

Dia 19, Ovar, desde João Gomes da Fonseca até Manoel Gomes Vi-lla.

Dia 20, o resto d'Ovar.

Dia 21, Vallega.

Dia 22, Cortega, S. Vicente e Arada.

Dia 23, Esmoriz.

Dia 25, Maceda.

Os mancebos teem de se munir antecipadamente da respectiva guia na secretaria da camara.

Fallecimento

Na praia do Furadouro finou-se, terça-feira, após curta doença, o menino Armando Braga, filho do nosso presado assignante e considerado commerciante na capital, snr. João Fernandes Braga.

O feretro foi conduzido para o jazigo de familia de S. Vicente de Pereira, onde se effectuaram os responsos funebres na quinta-feira.

Acompanharam o feretro do Furadouro, para cujo fim expressamente vieram a esta praia, os nossos amigos Vigario Mattos, abbade de S. Vicente, padre Pinho e R beiro.

A sua familia as nossas condolencias.

Festa do mar

No domingo de tarde resolveram os arraes das companhas de pesca do Furadouro levarem a effeito n'aquella praia a popular romaria do Senhor da Piedade, vulgarmente chamada a festa do mar, fixando

para ella os dias 23, 24 e 25 do corrente (sabbado, domingo e segunda-feira proximos).

Esta resolução foi accete com entusiasmo, inscrevendo-se desde logo varios individuos com a sua quota mais ou menos valiosa.

A commissão promotora tenciona dar a esta festa o maximo brilho, não se poupando a trabalhos e sacrificios para que os milhares de forasteiros que costumam concorrer a ella, incontestavelmente a mais concorrida e agradável que se realisa á beira-mar no districto d'Aveiro, levem as mais gratas impressões.

As illuminações promettem ser vistosas e o fogo excellente. Conta-se com o concurso de tres bandas de musica.

Tambem se projectam para aquellas dias varias diversões.

O programma dos festejos ainda não está definitivamente assente, constando, porém, já como certo o seguinte:

No dia 23 de tarde serão conduzidos os ancores das companhas da capella de Santo Antonio para a do Furadouro, sendo acompanhados por uma musica. A' noite illuminações a giorno pelas ruas dos Bombeiros Voluntarios do Porto, Commercio do Porto, Largo D. Maria Pia e Avenida Thomaz Ribeiro até á filial da fabrica de conservas «A Varina». Queimar-se-ha bastante fogo torneado por varios pyrotechnicos, e far-se-hão ouvir as musicas até ás 2 horas da madrugada, e varios descantes populares.

No dia 24 de manhã, missa a grande instrumental, sermão e procissão pela beira-mar. De tarde grande arraial em que as musicas tocarão as melhores peças dos seus repertorios. A' noite queima de mastros e danças populares.

No dia 25, tanto de manhã como de tarde, far-se-hão ouvir nos coretos as mesmas musicas.

Noticias do Furadouro

Vae correndo muito má a safara para os pobres pescadores. Mar agitado ou pesca insignificante foi o que tiveram na semana finda.

—Chegaram ultimamente a esta praia bastantes banhistas.

—Como dissemos fez-se ouvir domingo passado de tarde n'aquella praia, junto ao edificio da assembleia a philharmonica Ovarense, o que deu logar a grande affluencia de povo alli.

Hoje toca no mesmo local, das 4 ás 7 horas da tarde, a banda Boa-Umão.

Notas a lapis

Partiu segunda-feira com sua familia para o Furadouro, a fazer uso de banhos, o nosso prestimoso director politico conselheiro Antonio dos Santos Sobreira.

—Com feliz successo deu á luz no dia 9 uma creança do sexo masculino a snr.^a D. Maria Candida Gonçalves de Lima, esposa do nosso bom amigo Angelo Zagalho de Lima.

Os nossos parabens.

—Cumprimentamos quinta-feira n'esta villa o snr. dr. José Maria de Sá Fernandes, digno audictor administrativo de B-ja.

—Está entre nós com sua esposa o nosso synpathico conterraneo Manoel Gomes Netto.

—Tem passado incommodado de saude, sentindo-se felizmente agora melhor, a filhota do nosso estimado amigo dr. Pedro Chaves.

—Tambem está gravemente enfermo um filhinho do nosso bom

amigo Abel Pinho, digno secretario da camara. De-ajamos-lhe as melhoras.

—Passou no dia 13 seu anniversario natalicio o digno escrivão de direito Angelo Zagalho de Lima, pelo que o felicitamos.

—Veio passar alguns dias a esta villa o snr. Luiz d'Oliveira Gomes, bemquisto industrial em Lisboa e nosso assignante.

—Cumprimentamos na sexta feira o digno parcho da freguezia de Canedo, Feira, padre Agostinho José Paes Moreira.

Artigo

E' transcripto do nosso illustrado collega A «Opinião» aquelle a que hoje concedemos a primazia.

Impressões da beira-mar

(Continuação)

O mar, que tem estado capaz de converter e enamorar o hydrophobo mais exaltado; o mar, que tem sido suave, acariciador e benevolo como o golfo de B i, cujas melancolias, doçuras e devaneios cantára e descrevera Lamartine, faz-me lembrar hoje o velho oceano altivo, immortalizado por Camões e singrado pelo timão de Vasco da Gama.

O firmamento, cinzento, monoton e sombrio, não tem a diaphaneidade caracteristica das noites laurentas, apesar de ser de luar a noite do dia 7 em que rabisco as minhas impressões.

E a lua, bi partida, pallida e obumbrada intermitentemente pelo perpassar d'uma ou d'outra nuvem escura, paira, lá para os lados do sul, sobre o arraial nocturno do S. Paio da Torreira, e vem illuminar os nossos barcos de meia lua (!) e as rédes que dormem estendidas sobre a areia o somno que lhes proporciona o mar ruim.

As ondas do mar, franjadas de branco, veem fervilhando n'uma ellipsoide magica até se desfazerem contra a praia n'um osculo tão limpido e tão puro!

E eu, deitando a cabeça de fóra, olho para o horisonte, e o horisonte carmina um pouco em tons alaranjados, olho para o alto e o azul plumbeo e monoton reflecte a braveza do oceano; olho para dentro da minha consciencia e ella sorri-me um pouco:—Tudo é magnifico!

E agora perdoem-me que extracte, do Victor Hugo lusitano, uns versos que d'fineem bem como a vida da praia deve ser vivida:

*Deixae os plumos leitos
Onde o espirito languido desmaia!
Vinde viver na praia
Entre as coisas sadias, triumphantes
Do bello mundo antigo!
E despi esses vicios irritantes
Como quem despe uns trapos de mendigo!*

*Viver n'uma casita á beira-mar
Feita no gosto ingles,
Casa de um só andar
E sem balcão chinez;
Ler paginas vibrantes, luminosas,
Ricas de coisas sãs e duradoiras;
Beijar creanças puras, vigorosas,
Ainda mesmo que não sejam loiras;
Junto a isto um amigo verdadeiro,
Saude e algum dinheiro,
Eis a vida melhor, mais pittoresca
Que existe á luz do dia...
A vida assim é uma roseira fresca
Inundada de orvalhos de alegria!*

Sim, sim, para se viver na praia

(¹) Rama'ho Ortigão, no *Culto da arte em Portugal*, assim denomina os barcos da pesca de arrasto.

é necessario despir os vicios irritantes ter um amigo verdadeiro (ai que pobreza franciscana d'elle!), ter saude e ter algum dinheiro (nem precisa commentar),

Assim sim! D'outra sorte a vida já não é uma roseira fresca

Inundada de orvalhos de alegria,

mas sim um tojo agreste,

Que nos vulnera a alma noite e dia.

E adeusinho.

Furadouro, vespera de S. Paio, á tarde.

Augusto Moreno.

Chronica do Furadouro

*O dinheiro é tão bonito,
Tão bonito o maganão!
Tem tanta graça o maldito,
Tem tanto chiste o ladrão!*

JOÃO DE DEUS.

«Campo de Flôres», 1893, pag. 395.

Apontem, senhores, apontem; a roleta vae girar e a banca aguenta, regouga o banqueiro, amaciando entre o pollegar e o indicador a bôlinha que vae saltar pelas casas metalicas da rolêta.

N'uma desordem confusa, pela ausencia absoluta de logica em subordinar todos os movimentos psychologicos que se agitam e entrechocam á vontade dominante d'uma só força—a ambição—, vae acompanhando os diunhos do banqueiro uma enfiada de commentarios, affinando todos por este diapasão:

—Um pataco ao trinta e seis, brada um; e vae conversando com os seus boiões: *oh! se sahe elle, lá me veem esses mil quatro centos e quarenta!* Endireita-me as finanças!

—Ponha-me lá esse vintem no zero, ó fulano, accrescenta outro. Se sahir offereço 500 réis ao Senhor da Piedade. (Até o Senhor da Piedade tambem joga por intermedio d'um snr. brasileiro!)

Do lado sahe o palpito anonymo d'um numero, e logo meia duzia de dextas cobrem esse numero para aproveitar o palpito. E no fim quem aproveita é o banqueiro. Um pelimetro qualquer rouqueja do lado: o quinze precisa d'um vintem.

E lá vae a mão esperançosa e tremula d'um *despalpitado* collocar duas moedas de dez réis na casa do 15!

—Fizeste bem, sicrano, não o deixes que póle repetir.

—E' o jogo, dogmatiza outro fulano, mais calejado n'estas coisas de roletas.

—O' banqueiro, grita outro (que se esquecera e ent etivera a fazer o balanço pecuniario após a ultima rodada) troque-me lá esses dois tostões em moedas de dez réis, sendo possivel. Quero fazer meia duzia de plenos.

—O' dezesete da minha alma, co-chicha outro com o companheiro com quem fizera vacca. (It-to de fazer vacca o mesmo é que consolidar uma sociedade em que cada *bicco* entra com um determinado capital. A sociedade é limitada.) Se elle vem abichamos mólho!

—U n tosião ao par; se perder nos plenos, sempre arranjo pêllo para curar a ferida do mesmo cão.

E assim por ahi além de-lizam estas e outras expressões; mas ainda mais rapidas correm as horas para aquelles que teem a mania de viver vida tão estúpida e tão prosaica.

No ambiente, saturado de ar corrompido, de fumo e de palavrões do sexo masculino, resôa como um echo de esperança, como um mysterio de sensações, a voz fria, monotona e

auctoritaria do banqueiro:—*Vou jogar.*

A bolinha premida, pelos dedos do banqueiro, contra as paredes da rolêta, descreve circulos pouco concentricos que vão esmorecendo de diametro á medida que o *bolairinho* vae emperrando nos losangos de metal que rodeiam a rolêta. Depois de saltitar por cima de todos os numeros, cahe, levanta-se, torna a cahir, arrepende-se, muda-se, espreguiça, volta a traz e adormece na *casa feliz*. Pobre bolinha! No meio das maldições de todos os apontadores, só recebes as boas vindas e as boas palavras d'uma só bocca. E' da bocca do contemplado. E' o *trinta e quatro*! Está em branco. A pá ergue-se como um espectro e no desempenho das suas funcções, acarreta todo o cobre para o monte pecuniario do banqueiro.

Chovem então mil commentarios. Olé, senhor, não me leve um nikel que tinha no par; bote-me cá dois tostões, ande.

—E o pataco que eu tinha no branco? Que diabo! A pá parece que não tem olhos! deite cá dois vintens.

—Ora, ora, snr. banqueiro, não se faça esquecido; quatro vintens á terceira serie, não vê lá um pataco?

—Não fosse eu burro nem ingrato com o *trinta e quatro*. Tenho sempre jogado n'elle. Todas as vezes que eu não jogo é que elle sae. E lá vae desembarricando do bolso do colete uns cobres para dar de esmola ao *trinta e quatro*.

E todos vão contando os cobres positivos e negativos (n'isto de jogo são muito frequentes, como na mathematica, os numeros negativos) e acompanhando sempre o estado thermometrico da bolsa com estas expressões:—estou no meu dinheiro, estou alagado (expressão caracteristica d'um ponto brasileiro para dizer que *está perdendo*) estou queimado (com a mesma significação) estou piccado ..., etc.

Outros não empregam nenhuma expressão linguistica, mas fallam e exteriorizam o mundo subjectivo em que vivem, pelos olhos, pela testa, pelas sobrancelhas, pelo chapéu (até pelo chapéu!) pelos charutos, pela cerveja e pelos phosphoros!

Se perdem carregam o *duairo*, encortçam a testa, fixam o olhar nostalgico no dinheiro do banqueiro, puxam o chapéu para cima do nariz, mandam vir charutos tongas e phosphoros de vintem (perdido por 10, perdido por 20).

Se ganham, contam e recontam o dinheiro; seleccionam o cobre do nikel e este da prata, e collocam a massa na respectiva bolsinha; riem sem fingimento, fumam o seu pachá e offerecem ao parceiro qualquer cousa, mexem-se, espantam-se como as gaivotas na praia, tagarellam, fallam em ir ceiar, etc., etc. No fim de contas dentro de todos, dos que perdem e dos que ganham, estoura sempre n'uma furia maldita esta estrophe de João de Deus:

*O dinheiro é tão bonito,
Tão bonito o maganão!
Tem tanta graça o maldito,
Tem tanto chiste o ladrão!*

E aqui está a que se reduz a vida na praia!

E o mais bonito é que esta doença do jogo não ataca só os cerebros calejados, que veem a vida sómente pelo lado pratico, pelo prisma obtuso do interesse. A mocidade, a esperançosa e expansiva mocidade também queima os momentos preciosos da vida balnear, dos seus minutos de férias, sobre a Ára maldita da deusa *rolêta*.

A vida da praia que devia ser um

mez de ocio, de espreguiçamento, para todos os que moirejam onze mezes, torna-se um sepulchro vivo que atrophia e mata esta vida que aqui se vive. O Furadouro já não é uma distracção para os banhistas desde que vae dando entrada á monomania do joguinho em todas as escalas e tamanhos; torna-se triste, pesado, monotono e sombrio como uma tela de Hydern.

De dia é a gente seringada pelo soprar inquietador do norte que mette as abelhas aos cortiços, que outra coisa não são as casas da praia; a classe piscatoria labuta na conquista do pão, em guerra declarada com as furias do oceano e alguns curiosos chegam-se até á *borda d'agua* para vêr reluzir nas lótas o prateado da sardinha e para ouvir aos pescadores dos dois sexos as imprecações, ditos picarescos e palavrões de todos os calibres que caracterisam, infelizmente, o nosso povo pescador.

De noite, n'estas noites de luar, tão puras, tão salubres, tão nostalgicas, tão lindas e prateadas como a fimbria das ondas do mar, nem uma viva alma que passeie attrahida pelo esthetismo da paisagem, embora se vejam flunar alguns corpos, comidos, pela crápula e roídos pela paixão, lançando as redes invisiveis do amor as *niñas* que soem cochichar nas sacadas e janellas.

Não rouqueja um gramophone, não palpitam, seccas e cadenciadas, as notas d'um piano, não casquilha o som estridente d'uma viola aldeã ou d'uma guitarra urbana, nem, oh suprema desgraça!, foleja uma *harmonica* nas mãos d'um lavrador ou de um filho da serra.

Aqui ha annos ouviam-se, n'estas noites de lua cheia, as vibrações gemebundas e feiticieras das cordas dos violões casadas com as harmonias d'um bandolim ou com as consonancias agudas d'uma flauta.

Passavam-se então deliciosamente as horas socegadas da primeira meia noite, sob um céu alto, sereno, desafogado e onde palpitava sempre a palpebra dormente e prateada da lua, rodeada d'um cortejo de estrellas.

E não havia coração, por mais ardente ou por mais gelido que fosse, que, á surdina, não estremecesse ao desprenderem-se no ar calmo, quieto e a cheirar á maresia, os sons maguados e dolentes, vibrados pelos dedos esguios dos trovadores improvisados.

Hoje parece que já não existe essa mocidade sadia e forte.

Quem a quizer vêr vá á *rolêta* que lá a encontrará de semblante pesado e pensativo, com um punhado de metal na mão, de pupilla cavada como a de um defunto, seguindo todos os movimentos da maldita bugalha que vae girando, girando...

E eis aqui o que me suggeriu tudo aquillo que vi, que ouvi, que senti e que... permitta-se-me a franqueza, experimentei.

Se me quizerem metter a carapuça até ás orelhas, façam-n'o que não tem nada que *refilar* este vosso amigo,

Augusto Moreno.

CORRESPONDENCIAS

Va'lega, 15 de Setembro

Na igreja da Sé, da cidade do Porto, realçou-se hontem, pelas 3 horas da tarde, o enlace matrimonial do nosso querido amigo snr. José Manoel d'Oliveira Lopes, filho dilecto da opulenta casa do Cadaval, d'esta freguezia, com a menina Ma-

ria José Valente de Mattos, estre-mecida filha do conhecido e abastado proprietario snr. Antonio José Valente de Mattos, d'aqui.

O caracter lhano e sincero do noivo e os dotes d'alma nunca desmentidos da noiva dão-lhes já a um futuro cheio de felicidades e venturas de que são dignos.

Foram padrinhos os ex^{mos} snrs. José d'Oliveira Lopes, irmão do noivo, e padre Antonio Maria de Pinho, do Paço, de Avanca, que respectivamente já eram padrinhos de baptismo dos noivos.

Ao acto, que teve caracter muito reservado, apenas assistiram além dos padrinhos os snrs. Manoel Maria d'Oliveira Lopes, Manoel José d'Oliveira Lopes, D. Maria do Carmo Duarte Pereira, irmãos do noivo, pae da noiva, Nicolau Braga, e irmão da noiva.

—Retirou-se para Mourão a gosar 30 dias de licença o rev. parcho d'esta freguezia, Caetano Fernandes.

—Tem estado aqui na sua casa de Passô com sua illustre familia, o dr. José Duarte dos Santos, meritissimo Delegado do Procurador Régio da 1.^a vara civil do Porto.

—Tambem aqui esteve alguns dias, o snr. dr. José Maria de Sá Fernandes, integerrimo Juiz Auditor em Beja, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e filhinha, retirando-se para a sua quinta de Paramos.

—Já se acha na sua casa, de regresso do Pará, o nosso amigo Domingos de Pinho, genro do snr. Al xandre Paes.

—Desastres. Um sobrinho do nosso amigo, professor Domingos de Mattos, andando na noute de 12 do corrente a guardar a vinha do referido seu tio no sitio das cóvas, d'esta freguezia, ao disparar uma espingarda esta arrebentou destruindo-lhe parte da mão esquerda. Foi pensado pelo snr. dr. Abreu Freire, de Avanca, que para tal fim foi chamado pelas 11 horas da noute.

—Tambem na segunda-feira passada um filho do Manoel da Orphã, da Torre, d'esta freguezia, estando a brincar com uma bomba de dynamite, que havia achado, esta explodiu limpando-lhe quasi por completo a mão esquerda.

Consta-me que a auctoridade vae providenciar para que no futuro não se repitam taes casos.

—A junta de parochia fez avisar os seus foreiros em divida, por meio de annuncios publicados ás missas para pagarem os fóros sob pena de não ficar pedra sobre pedra.

D'um individuo sei eu que, ao ouvir tal publicação, disse: «então elles aconselharam a que não pagassemos e agora já querem o dinheiro sem fazerem obras? Para que precisarão d'elle?»

Cale-se, observou outro, porque estamos á missa, logo fallaremos, «nem você sabe o que vae».

W.

Annuncios

Agradecimento

Os abaixo assignados, pae, mãe e irmãos do inno-ente Armando Braga, não podendo agradecer pessoalmente a todas as pessoas das suas relações e amizade as atenções e amabilidades que se dignaram dispensar-lhes por occasião do seu passamento, tanto d'esta freguezia, assistindo aos responsos funebres do inditoso,

como no Furadouro, com os seus serviços e conforto, a todos agradeçam, por esta fórma, especializando o Ex.^{mo} Snr. Dr. Amaral que foi um cumulo de dedicação e carinho e bem assim á Ex.^{ma} familia Camello.

A todas o nosso preito de sincera gratidão e estima.

João Fernandes Braga
Joaquim de Jesus Braga
Antonio Fernandes Braga (ausente)
Jayme d'Almeida
Justin d'Almeida Braga
Delfina Braga
José Fernandes Braga
Sophia Braga
Isaura Braga.

S. Vicente, 14 de Setembro de 1905.

Officina de polidor de moveis

Laureano José de Faria, executa com a maxima perfeição, toda a obra concernente á sua arte.

Preços convidativos

Largo do S. Pedro — OVAR

PARA OS DENTES

Usem o dentrifico **Rosa**, o melhor preparado para conservar o esmalte, curar as gengivas descarnadas e tirar mau cheiro da bocca. Vende o Cerveira, na Praça.

Aos Snrs. Particulares

AZEITE DOCE

DA

BEIRA ALTA (Villa Fernando)

PARA PRATO SUPERIOR

Este azeite, pela analyse feita pelos pharmaceuticos Birra & Irmão, da Porto, contém sómente de acidez 0,5 %.

Experimentem esta nova remessa que acaba de chegar ao Malaquias, na rua dos Campos. Todos os freguezes que o desejem comprar, podem, antes de o fazer, mandar buscar um frasquinho d'elle que o proprietario fornece gratuitamente, o que prova a sua boa qualidade.

Preços por que vende:

Almude . . . 6\$200 réis.

Canada . . . 540 »

Não se vende porção inferior á canada.

JOSÉ LAMY

Medico

Vallega—Proximo da Igreja

Dá consultas, ás quintas-feiras, em S. Vicente, no lugar da Torre; em Vallega, consultas diarias, sendo gratuitas aos pobres. Chamadas a qualquer hora.

NOVA SERRALHERIA

Francisco dos Santos Branhão participa aos seus amigos e ao publico em geral que abriu, na rua dos Campos, a sua officina de serralheria, onde executa, a preços modicos, toda a obra de sua arte.

HORARIO DOS COMBOIOS

Desde 1 de Maio de 1908

DO PORTO A OVAR E AVEIRO
e vice-versa

HORAS			Natureza dos comboios
S. Bento	Ovar	Aveiro	
MANHÃ	P.	Ch.	Tramway Correio Tramway Tramway Mixto
	12,34	2,21	
	4,38	6	
	7,4	8,54	
	10,7	11,57	
TARDE	10,59	12,43	Mixto Rápido Tramway Tramway Correio
	1,50	3,47	
	4,19	—	
	4,41	6,38	
	6,16	8	
	8,5	9,30	

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

HORAS			Natureza dos comboios
Aveiro	Ovar	S. Bento	
MANHÃ	P.	Ch.	Tramway Correio Tramway Mixto Tramway
	3,55	4,54	
	5,21	5,53	
	—	7,30	
	8,58	9,48	
TARDE	10,5	11,14	Tramway Tramway Tramway Rápido Correio
	—	2,10	
	4,43	5,53	
	—	7,15	
	9,5	9,31	
	9,18	10,19	

Antiga Casa Bertrand
DE
JOSE BASTOS73 e 75—R. Garrett—73 e 75
—LISBOA—

O Rabbi da Galiléa

Sensacional romance popular
sobre a vida de Jesus

ORIGINAL DE

Augusto de Lacerda

ILLUSTRADO

Com numerosas gravuras

Caderneta mensal 300 réis

Historia Socialista
(1789-1900)

Sob a direcção de Jean Jaurès

Cada caderneta semanal, de 2 folhas
de 8 paginas cada uma, grande formato,
com 2 esplendidas gravuras, pelo menos.—40 réis.Cada tomo mensal de 10 folhas de 8
paginas cada uma, grande formato,
com 10 esplendidas gravuras, pelo menos.—200 réis.

ALMA PORTUGUEZA

A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

Grande romance historico

DE

Faustino da Fonseca

com illustrações

de Manoel Macedo e Roque Gameiro

Cada tomo mensal, 200 réis

LIVRARIA EDITORA
Guimarães Libanio & C.^a

108, Rua de S. Roque, 110

—LISBOA—

A RAINHA SANTA

(D. Isabel d'Aragão)

GRANDE ROMANCE HISTORICO

ILLUSTRADO

Com esplendidas gravuras e chromos

Cadernetas semanaes de 24 pag., 60 réis
Tomos mensaes de 120 paginas, 300 réis

EL-REI D. MIGUEL

Romance historico

DE

FAUSTINO DA FONSECA

Profusamente illustrado

Fasciculos semanaes de 16 pag., 40 réi
Tomos mensaes de 80 paginas, 200 réis

A LISBONENSE

Empresa de publicações economicas

35, Trav. do Forno, 35

—LISBOA—

Traz em publicação:

O Conde de Monte-Christo

Monumental romance de

ALEXANDRE DUMAS

Edição luxuosamente illustrada

Fasciculo de 16 paginas. . . 30 réis
Tomo de 80 paginas. . . 450 réis

VINGANÇAS D'AMOR

Empolgante romance original do
celebre auctor do «Rocamboles»

PONSON DO TERRAILL

Compõe-se de 5 partes, a saber:

A Mulher do Bandido, Com-
panheiros no Amor, A Da-
ma da Luva Negra, A Con-
dessa de Asti e A Bailarina
da Opera.

Illustrações de Silva e Souza

CORIME DE RIVECOURT

Lindissimo romance dramático
de Elilie Berthet

ATRAVEZ DA SIVERIA

Aventuras extraordinarias de tres fugitivos
por Victor Tissot e Constante Améro

Illustrada com esplendidas gravuras

Obra no genero de Julio Verne

De cada uma d'estas publicações:

Fasciculo de 16 pag. . . . 20 réis
Tomo de 80 paginas. . . . 100 réis

Brindes a todos os assignantes

EMPRESA DO ATLAS

DE

GEOGRAPHIA UNIVERSAL

Rua da Boa-Vista, 62-1.º

—LISBOA—

ATLAS

DE

PORTUGAL E COLONIAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cada fasciculo com um mappa, 150 réis

AFFONSO GAYO

Historia dos Bastardos Reaes

Complemento á Historia de Portugal

Scenas occultas das cortes desde o prin-
cipio da monarchia, com illustrações de

Alberto Souza e A. Quaresma

Cada fasciculo. . . . 50 réis

EMPRESA

DA

Historia de Portugal

SOCIETADE EDITORA

Livraria Moderna — 95, Rua Augusta, 95

A. E. BREHM

MARAVILHAS DA NATUREZA

(O HOMEM E OS ANIMAES)

Descrição popular das raças huma-
nas e do reino animal, edição portu-
guesa larguissimamente illustrada.60 réis cada fasciculo mensal e 300
réis cada tomo mensal. Assignatura per-
manente na sede da empresa.

As mil e uma noites

CONTOS ARABES

Edição preciosamente illustrada, ri-
vi ta e corrigida segundo as melhores
edições francezas, por Guilherme Ro-
drigues.

O maior successo em leitura!

20 réis cada fasciculo. Cada tomo
100 réis.

João Romano Torres

82, Rua de D. Pedro V, 88

—LISBOA—

BIBLIOTHECA SOCIAL OPERARIA

Rua de S. Luiz, 62

—LISBOA—

A Rapariga Martyr

GRANDE ROMANCE

DE

Emilio Richebourg

Ornado de chromos e gravuras

Cada fasciculo de 16 pagina. . . 30 réis
Cada tomo. . . . 150 réis

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160

—LISBOA—

Ultimas publicações

Casal do caruncho.—Contos por Eduar-
do Perez. 1 volume illustrado com 42
soberbos desenhos de José Leite—
600 réis.Sem passar a fronteira.—Viagens e di-
gressões pelo interior do paiz, por
Alberto Pimentel. 1 volume de 350
paginas.—500 réis.Tuberculose social.—Critica dos mais
evidentes e perniciosos males da nossa
sociedade, por Alfredo Gallis.I. Os Chibos.—II. Os predestinados—
III. Mulheres Perdidas—IV. Os De-
cadentes—V. Malucos?—VI. Os Po-
liticos—VII. Saphicas.—Cada volu-
me 500 réis.Ensaio de propaganda e critica, pe-
lo dr. João de Menezes.—I. A nova
phase do socialismo. 1 vol. 200 réis.A giria portugueza.—Esboço de um
dicionario de calão, por Alberto Bes-
sa, com prefacio do dr. Theophilo
Braga. 1 vol. br. 500, enc. 700 réis.O sol do Jordão.—Versos por Albino
Forjaz de Sampaio.—1 vol. 200 rs.A Mulher de Luto.—Processo ruidoso
e singular. Poema de Gomes Leal,
500 réis.

A Morte de Christo.

Os Exploradores da Lua, por H. G.
Wells 1 vol. 600 réis.Arvore do Natal.—Contos para crean-
ças, por Lazuarte de Mendonça, 200
réis.O que é a religião? por Leon Tolstoi,
200 réis.EDITORES—BELEM & C.^a

R. Marechal Saldanha, 26

A AVÓ

O melhor romance de
Emile RichebourgCaderneta semanal de 16 paginas, 20
réis e de 32 paginas, 40 réis.

Cada tomo mensal em brochura, 200 rs.

M. Gomes, EDITOR

Chiado, 61 — LISBOA

Todas as litteraturas

1.º volume

Historia da litteratura hespanhola

PARTE I—Litteratura arabico-hespanhola.
PARTE II—Litteratura hespanhola desde a
formação da lingua até ao fim do seculo
XVI.PARTE III—Litteratura hespanhola desde o
fim do seculo XVII até hoje.PARTE IV—Litteratura hespanhola no se-
culo XIX—Poesia lyrica e dramatica.

1 vol. in-32.º de 330 paginas—400 réis

Com um plano d'uma grande simplicida-
de e ordem, precisão de factos e de juizos
e inextinguível clareza de expos ção e de lin-
guagem se condensa n'esse volume a histo-
ria de todo o desenvolvimento da litteratura
hespanhola desde as suas origens até agora.
Livro indispensavel para os estudiosos re-
comenda-se como um serio trabalho de
vulgarisação ao alcance de todos.

NO PRELO

Historia da litteratura portugueza